

As Influências Culturais do Neocolonialismo na Costa do Marfim sob o Governo de Félix Houphouët-Boigny (1960-1993)

Yao Jean-Pierre Koffi²

A Costa do Marfim, ocupada pela França na década de 1840 e colonizada formalmente em 1893, conquistou sua independência em 1960 sob a liderança de Félix Houphouët-Boigny, mantendo fortes laços com a França e refletindo uma influência colonial duradoura (Koffi, 2024). O legado colonial francês deixou marcas profundas na identidade e na cultura do país, influenciando desde o idioma francês até as práticas religiosas e culturais. Este artigo analisa as influências culturais do neocolonialismo durante o governo de Félix Houphouët-Boigny (1960-1993).

Este trabalho investiga a influência do neocolonialismo francês na identidade cultural da Costa do Marfim antes e após sua independência. Examina a colonização, a luta pela independência e os efeitos contínuos do neocolonialismo francês em língua, religião e vestuário. A presença francesa trouxe unificação linguística e abertura internacional, mas também impôs controle cultural, reprimindo tradições locais e moldando a identidade marfinense conforme padrões ocidentais. O artigo está estruturado em quatro seções: contexto histórico, efeitos no idioma e cultura, influência religiosa e mudanças culturais, e impacto nos costumes e vestuário, com considerações finais sobre as implicações para a identidade cultural marfinense.

² Mestrando no Programa de Gestão de Políticas Públicas (EACH/USP).

As características da colonização da Costa do Marfim, o processo de independência marfinense e o papel desempenhado por Félix Houphouët-Boigny

Até o século XVIII, a Costa do Marfim manteve relações comerciais com africanos, americanos e europeus, com cidades costeiras, como San Pédro e Sassandra, fundadas por navegadores portugueses (Koffi, 2024). O primeiro contato com a França ocorreu em 1637, através de missionários franceses em Assinie (Koffi, 2024). A população local é composta por quatro grandes grupos étnicos e diversos grupos religiosos (Kassoro, 2005; Koffi, 2024). A colonização francesa começou oficialmente em 10 de março de 1893, com Louis Gustave Binger como o primeiro governador (Koffi, 2024). De 1904 a 1958, a Costa do Marfim integrou a Federação da África Ocidental Francesa e, em 1946, Félix Houphouët-Boigny fundou o Rassemblement Démocratique Africain³ (RDA), promovendo a integração e atraindo trabalhadores das plantações de café e cacau (Koffi, 2024). A autodeterminação pós-Primeira Guerra Mundial e a decepção pós-Segunda Guerra Mundial fortaleceram movimentos nacionalistas, culminando na abolição do trabalho forçado em 1946 e no “ano africano” de 1960, quando muitas nações alcançaram a independência, embora com restrições (Koffi, 2024).

O neocolonialismo e a Costa do Marfim

O neocolonialismo, surgido após a Segunda Guerra Mundial, caracteriza-se pela manutenção da dominação colonial através de acordos econômicos e influências externas. Autores como Kwame Nkrumah (1965), Frantz Fanon (2008) e Jean-Paul Sartre (1969) sublinharam essa continuidade do controle estrangeiro

³ É um partido político da Costa do Marfim fundado em 1946 por Félix Houphouët Boigny, sucedendo ao Sindicato Agrícola Africano, e que tinha como objetivo anunciado promover a emancipação do povo negro.

sobre ex-colônias, tanto por potências coloniais quanto por empresas estrangeiras. Na Costa do Marfim, isso se reflete na dependência econômica contínua da França, exemplificada pelo franco CFA⁴ e pela presença militar francesa (Koffi, 2024). Nkrumah descreve o neocolonialismo como a fase final do imperialismo, onde estados formalmente independentes ainda são economicamente dirigidos por interesses externos, impactando sua política e economia (Nkrumah, 1965).

Influência do neocolonialismo francês na cultura marfinense (1960-1993)

É imperativo salientar que, nesse período, a França demonstrou um interesse considerável em estabelecer e consolidar seu domínio por meio de mecanismos como a cooperação cultural, a religião e a educação. Uma das manifestações mais proeminentes dessa influência foi a imposição do francês como língua oficial na Costa do Marfim. Tal estratégia foi empregada como um meio de assegurar e perpetuar a presença e o controle franceses na região (Koffi, 2024). Nesse sentido, Houphouët-Boigny⁵ acreditava que o francês era a língua da unidade nacional, utilizada na administração e, portanto, do Estado. Para compreendermos a dominação francesa no âmbito cultural, vejamos algumas considerações a respeito do tema.

Em 1974, no Cairo, Abdel Aziz El-Sayed, diretor geral da Organização da Liga Árabe para a Educação, Cultura e Ciência⁶ (ALECSO), declarou que:

4 O franco CFA (Comunidade Financeira Africana) é uma moeda utilizada por vários países da África Ocidental (XOF) e da África Central (XAF). Essas moedas são garantidas pelo Tesouro francês e têm uma paridade fixa com o euro.

5 Foi o primeiro Presidente da Costa do Marfim de 1960 a 1993, cargo onde permaneceu por mais de três décadas até à sua morte.

6 A Organização Árabe para a Educação, Ciência e Cultura é uma das organizações da Liga Árabe, um organismo dedicado à preservação da cultura árabe. Sua sede está localizada no Cairo, no Egito.

[...] A cultura possui (...) uma identidade específica ligada às características mais íntimas de um povo, à natureza de seu pensamento e à sua herança, à sua percepção das coisas e à sua maneira de considerá-las. É a cultura que distingue os povos uns dos outros (...) (La Culture Arabe Contemporaine, 1974). (Tradução nossa - YJBK)

A cultura, na perspectiva sociológica, é entendida como estilos de vida específicos, articulados por significados e valores (Williams, 2001) compartilhados, emergindo das instituições e refletidos em comportamentos comuns. Compreender os significados intrínsecos à realidade cultural da Costa do Marfim é crucial. Cada cultura possui sua própria lógica interna, sendo imperativo buscar um entendimento profundo das práticas, costumes e concepções locais. A influência neocolonialista francesa na Costa do Marfim, iniciada em 1895 com missionários, não se limitou à língua e religião; também afetou profundamente a identidade cultural. As escolas missionárias, além de instituições de ensino, foram veículos de difusão cultural europeia, promovendo a substituição de dialetos locais pelo francês e a conversão ao cristianismo. Este processo teve um impacto significativo na identidade marfinense, moldando não apenas a linguagem e religião, mas também a relação dos marfinenses com suas tradições e terra, resultando em uma colonização das mentes e das almas.

Jomo Kenyatta⁷ salientou que:

Quando os missionários vieram para a África, eles tinham a Bíblia e os africanos a terra. Eles deram a Bíblia aos africanos e disseram-lhes para trazê-la na mão, fechar os olhos e rezar. Quando os africanos abriram os olhos, eles tinham a Bíblia e os europeus tinham a sua terra. No Congo, foi uma missão para transformar, eles utilizaram o termo

⁷ Foi primeiro-ministro do Quênia de 1963 até 1964 e o primeiro presidente do Quênia de 1964 até 1978. É considerado o fundador da nação queniana.

“civilizar” os africanos numa imitação negra europeia (Walker, 2004).

A colonização marfinense refletiu o etnocentrismo francês, impondo língua, religião e costumes franceses sobre as culturas locais, perpetuando desigualdades. Durante o período colonial, os franceses, assumindo o papel de “civilizadores”, desconsideraram as complexas sociedades africanas. Após a independência em 1960, as estruturas deixadas pelos franceses continuaram a influenciar a nação, favorecendo a elite francófona e perpetuando desigualdades sociais. A língua e a cultura francesas permaneceram predominantes, revelando um viés racista que justificava a exploração das populações africanas (Koffi, 2024).

A francofonia une os falantes da língua francesa, promovendo solidariedade, democracia e respeito pela diversidade. Félix Houphouët-Boigny, grande defensor, destacou a importância do francês na unificação da Costa do Marfim, composta por mais de sessenta etnias. Durante a colonização, os franceses impuseram sua língua e cultura, reprimindo as línguas locais. Essa dinâmica continuou após a independência em 1960, perpetuando desigualdades. Embora a língua francesa tenha promovido a unidade e facilitado a abertura internacional, também reprimiu a cultura marfinense, refletindo o impacto negativo do neocolonialismo (Koffi, 2024).

Considerações finais

Este trabalho analisa os impactos culturais do neocolonialismo na Costa do Marfim durante o governo de Félix Houphouët-Boigny (1960-1993), com uma retrospectiva da colonização e do papel do líder na independência. A colonização perpetuou práticas como o trabalho forçado, que Houphouët-Boigny contribuiu para abolir, mas a independência foi negociada. A presença francesa manteve-se como neocolonialismo,

evidenciado pelo uso do Franco CFA e a presença militar. Culturalmente, a influência francesa no cotidiano dos marfinenses, pela religião, vestimenta e idioma, resultou no abandono das raízes culturais e na imposição de uma "máscara branca", comprometendo a identidade marfinense.

Referências Bibliográficas

FANON, Frantz et al. *Pele negra máscaras brancas*. Salvador. **Editora da Universidade Federal Da Bahia**, 2008.

KASSORO, Gnaboua. *Ethnies d'Afrique: la Côte d'Ivoire culturelle*. Abidjan. **Les Expressions du Parlé**, 2005.

KOFFI, Y. J. P. B. As relações econômicas entre Costa do Marfim e França: O governo de Félix Houphouët Boigny e o neocolonialismo (1960-1993). **Revista Aurora**, [S. l.], v. 17, p. e024005, 2024. DOI: 10.36311/1982-8004.2024.v17.e024005. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/aurora/article/view/14361>. Acesso em: 20 maio. 2024.

NKRUMAH, Kwame. *Neo-colonialism: the last stage of imperialism*. London. **Panaf**, 1965.

SARTRE, Jean-Paul. *Orphée noir ... [suivi de] Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française*, [S. l.]. Paris. **P.U.F**, 1969.

WALKER, John Frederick. *A Certain Curve of Horn: The Hundred-Year Quest for the Giant Sable Antelope of Angola*. New York, **Grove**, 2004.

WILLIAMS, Raymond. *The long revolution*. Peterborough: Ont. **Broadview Press**, 2001.

Política pública orçamentária sensível a gênero e raça: desafios e perspectivas

Beatriz Akinyele Ribeiro Lima⁸, Úrsula Dias Peres⁹

Introdução

O orçamento público representa um dos fundamentos das democracias modernas. Desde a década de 1960, sucessivos movimentos liderados por governos e organizações internacionais têm buscado aprimorar esse instrumento, visando uma aplicação mais racional e efetiva dos recursos públicos. Essa otimização é orientada para promover o desenvolvimento e combater as desigualdades sociais (MARIN, 2022).

A formulação dos orçamentos públicos negligencia as distintas funções, responsabilidades e capacidades socialmente determinadas que prevalecem entre mulheres, homens, meninos e meninas. Essas disparidades são configuradas de modo a colocar mulheres e meninas em posições desfavoráveis em comparação aos homens, resultando em acesso limitado a recursos econômicos, sociais e poder político (HOFBAUER; VINAY, 2002).

Os Orçamentos Sensíveis à Gênero (OSG) são instrumentos que analisam os impactos dos investimentos públicos nas diferentes realidades de mulheres e homens, promovendo uma alocação mais eficiente e equitativa de recursos. Eles buscam incorporar a perspectiva de gênero em todas as etapas do orçamento, considerando fatores sociais, econômicos e culturais

⁸ Graduanda no Bacharelado em Gestão de Políticas Públicas (EACH/USP).

⁹ Docente da Graduação e Pós-Graduação em Gestão de Políticas Públicas (EACH/USP).